



RESENHAS

HOUTART, François, POLET, François (coord.). *O Outro Davos. Mundialização de resistências e de lutas*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SEOANE, José, TADDEI, Emilio (org.). *Resistências Mundiais. De Seattle a Porto Alegre*.

Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

LUDD, Ned (org.). *Urgência das Ruas. Black Block, Reclaim The Streets e os dias de Ação Global*.

São Paulo: Conrad Editora, 2002.

COCCO, Giuseppe, HOPSTEIN, Graciela. *As Multidões e o Império*. Entre globalização da guerra e universalização dos direitos.

Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

Dias de Ação Global

Gerardo Silva

Da mesma forma que o historiador inglês Eric Hobsbawm, acredito que o século XX não conseguiu completar cem anos. A queda do muro de Berlim encerrou definitivamente a expectativa de continuar um ciclo de reformas - no mundo ocidental - baseado na capacidade de articulação política entre as organizações mais tradicionais da democracia representativa: Estado, Sindicato e Partido. O fantasma do Socialismo Real desapareceu do horizonte das lutas emancipatórias e da instrumentalização do poder, e agora o sistema é obrigado a confrontar-se com novos e mais

poderosos desafios, tais como a constituição do Império e a mundialização da resistência.

Os denominados 'dias de Ação Global', realizados paradoxalmente contra a globalização, que começaram com as mobilizações de maio de 1998 por ocasião do II Encontro Anual do G8 realizado em Birmingham, Inglaterra, e do II Encontro ministerial da OMC realizado em Genebra, Suíça, e que atingiram o ápice nas manifestações de Seattle (1999), Praga (2000) e Gênova (2001), representam sem dúvida os acontecimentos mais marcantes desses novos desafios das lutas emancipatórias no capitalismo do século XXI. É aí que vamos encontrar pela primeira vez na nossa experiência política contemporânea um tipo de resistência que não pode ser associado a nenhuma forma de representação política e/ou institucional que não seja a dos coletivos constituídos ad-hoc pelo desejo individual e singularizado de participar e de confundir-se na multidão, nas suas manifestações abertas e em movimento.

Sobre isso falam os livros desta resenha. Eles são de autoria coletiva, foram escritos durante os acontecimentos e, em alguns momentos, nos levam diretamente ao *front*. Em diversas passagens, com efeito, somos obrigados a participar, a concordar ou discordar dos manifestos e das posições adotadas pelos atores que colocam em pauta uma linha de ação, para lembrar depois que tudo isso já aconteceu. A vertigem que por momentos a leitura nos provoca revela um pouco do espírito dessas jornadas históricas, mas também nos convoca a ficar atentos ao

futuro. A primeira coisa a se fazer, portanto, é recomendar como imprescindível a sua leitura.

ATTAC, Davos e Porto Alegre

A Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos - ATTAC foi fundada na França em 1998, por iniciativa do jornal *Le Monde Diplomatique*. Basicamente, a proposta da ATTAC centra-se no combate aos efeitos perversos da financeirização da economia mundial, através da aplicação da denominada 'taxa Tobin', que corresponderia, segundo Chesnais¹, a um tributo de 1% sobre o conjunto das transações financeiras internacionais ao início, e de 0,25% posteriormente. Acredita-se que esse montante seria suficiente para enfrentar os graves problemas sociais e ambientais que afetam a grande maioria da população mundial.

Evidentemente, uma proposta como a do ATTAC traz embutida toda uma série de mudanças no funcionamento das instituições internacionais que regulam a circulação da moeda e dos ativos financeiros pelo mundo inteiro, sobretudo no que diz respeito à legitimidade das operações especulativas na fase atual de acumulação do sistema capitalista. Como não poderia deixar de ser, a proposta da ATTAC torna-se mais política do que econômica, na medida em que coloca em pauta o elemento central da relação de poder exercido por tais instituições. É por isso também que o coletivo aparece freqüentemente relacionado a outras iniciativas que convergem na crítica ao capital financeiro e às políticas neoliberais.

No caso de O OUTRO DAVOS, que mostra como foi se articulando o movimento de oposição ao Fórum Econômico Mundial, reunido na cidade suíça de Davos em janeiro de 1999, a ATTAC aparece desenvolvendo iniciativas junto a redes e organizações tais como o Fórum Mundial das Alternativas e o

Comitê para a Anulação da Dívida do Terceiro Mundo. Também participam, na qualidade de animadores, intelectuais marxistas da velha guarda, como Perry Anderson e Samir Amin. Apesar da pertinência e legitimidade de objetivos e manifestações da ATTAC & Cia desenvolvidos em detalhe no livro, observa-se, entretanto, uma clara opção por uma estratégia do tipo institucional, baseada mais na dinâmica reformista das organizações partidárias, sindicais e ONGs participantes do que nas subjetividades plurais e cosmopolitas emergentes nos dias da Ação Global.

Este discurso de encaminhamento das lutas e manifestações contra o capital financeiro e as políticas neoliberais teve uma importante influência no desenvolvimento do I Fórum Social Mundial de Porto Alegre, celebrado nesta última cidade em janeiro de 2001. Boa parte dos atores/autores presentes em O OUTRO DAVOS também fazem parte de RESISTÊNCIAS MUNDIAIS. A diferença específica é que aqui o discurso adquire uma conotação antiimperialista, apesar do reconhecimento dos organizadores José Seoane e Emílio Taddei da existência de outras clivagens na "primavera de Porto Alegre", assumindo uma nítida defesa da autonomia dos estados nacionais como elementos de resistência ao processo globalização (reduzindo este à sua dimensão econômico-financeira), e do Estado como indutor do crescimento e diminuição das desigualdades.² "O que fazer?", pergunta-se Atilio Borón, e responde de maneira absolutamente previsível: a) aplicar uma taxa Jobim, b) controlar as finanças internacionais, c) anular a dívida externa do Terceiro Mundo, d) regular o comércio internacional, e e) punir empresas e governos que poluem o meio ambiente e exploram mão-de-obra nos países subdesenvolvidos.³

O Black Block e a Urgência das ruas

Em Seattle, Praga e Gênova um numeroso grupo de manifestantes marcha vestido de preto e com máscaras. São, aparentemente, os mais agitados e inclinados à violência. Exaltam-se, quebram vitrines e destroem propriedades. Têm problemas com os "pacifistas" ou "partidários da ação direta não-violenta", que avançam do lado. São o *Black Block*, um coletivo de grupos anarquistas, oriundos em sua maioria dos Estados Unidos, Inglaterra⁴ e Alemanha. Para eles, a missão é clara: não ao capitalismo (alienação), não ao paternalismo (Estado), não aos meios de comunicação (espetáculo). A rua representa o lugar de afirmação da resistência e da luta, e os dias de Ação Global uma excelente oportunidade de expressão.⁵

Atropelado pela própria estratégia do 'quebra-quebra', entretanto, o Black Block despende nas páginas de URGÊNCIA DAS RUAS uma grande quantidade de tempo tentando explicar o que representa para eles o uso da violência.⁶ O argumento é que o sistema é que é violento, e que eles estão se defendendo, utilizando as mesma armas que o aparelho de Estado usa para dominá-los e explorá-los. Não é aceita a justificativa dos pacifistas de que a não-violência é uma forma de luta, pelo contrário, para os manifestantes do *Black Block* isso mais parece uma forma de submissão:⁷ *"É um espetáculo desolador ver esses milhares de jovens que, nas ruas de Washington, a capital ilusória da América, precipitam-se bravamente ao encontro do cassetete, da repressão e das penas. Desolador, uma vez que os pseudo-militantes se entregam assim às centenas ao inimigo, tudo pensando em mudar o mundo. Um espetáculo, uma vez que tudo é coreografado para a mídia, sem nada poupar, pousada da ideologia bicéfala da contestação dentro das normas"*(p. 138).

É provavelmente um dos aspectos mais interessantes do *Black Block* a sua reivindicação do Movimento Situacionista e das teses do seu principal representante, Guy Debord, sobre a 'sociedade do espetáculo' - se bem que a partir de uma leitura bastante reducionista. A recusa da dimensão midiática, considerada mais um instrumento do poder, encontra fundamento na consideração de que através dos meios de comunicação o capitalismo tem transformado a resistência e as lutas emancipatórias numa encenação, num equivalente dos mesmos elementos que compõem o restante espetáculo da Mídia.⁸ O ator passivo e alienado que consome uma imagem simulada da revolução é, com efeito, um dos principais fantasmas do movimento anticapitalista *Black Block*, e o que justifica em grande medida o chamado da URGÊNCIA DAS RUAS.

Os Tute Bianche e o uso da Mídia

Nascido oficialmente em Bolonha, nas manifestações contra a reunião da OCDE, em junho de 2000, o movimento *Tute Bianche* tem, segundo os organizadores de MULTIDÕES E IMPÉRIO, um histórico associado ao desenvolvimento dos 'centros sociais' italianos, uma espécie de câmaras do trabalho do novo proletariado metropolitano, não representado nem pelos *blue collars* nem pelos os *white collars* do regime assalariado fordista. Em Gênova, por ocasião da reunião do G-8 (julho de 2001), os *Tute Bianche*, juntamente com o *Genoa Social Forum* (GSF), organizaram e participaram de uma das manifestações mais importantes dos dias de Ação Global, a última de grande repercussão internacional antes do impasse criado pelo atentado ao *World Trade Center* do 11 de setembro de 2001.⁹

"Impedir o G-8 de Gênova sem quebrar uma vidraça sequer. Com armas medievais, provocações e fantasia. Para dizer

não a globalização" (pg. 79). Foi assim que o movimento fez a convocação para participar das manifestações de Gênova. Significava isso um posicionamento pacifista dos *Tute Bianche* com relação às jornadas vindouras? Absolutamente, não. No documento sobre o acompanhamento da caravana zapatista para a cidade do México, ficava claramente exposta a questão: "*As armas, o conflito, não constituem o objetivo, são instrumento*" (pg.67). Desta maneira, os *Tute Bianche* davam um passo à frente na estéril disputa entre violentos e não-violentos, e abriam espaço para debater sobretudo o que deveriam ser formas alternativas de desobediência civil.¹⁰

Diferentemente dos *Black Block*, os *Tute Bianche* são, antes de tudo, midiáticos. Não poderia ser de outro modo quando se admite viver na sociedade da comunicação. O problema, segundo eles, está em não deixar que a comunicação se torne espetáculo, ou melhor ainda, que o espetáculo fique nas mãos dos outros. "*São os códigos*", diz Luca Casarini, "*quem duvida que a linguagem de Hollywood seja eficaz?*" (pg. 81). Não é por acaso que o assalto das forças policiais ao Centro de Mídia Independente, com a finalidade de destruir sistematicamente toda documentação e equipamentos ali existentes, e que deixou um enorme saldo de feridos, pode ser considerado o contra-ataque mais contundente ao movimento dos movimentos por parte do G-8 e os detentores do poder.¹¹

* * *

Mas, quem são os 'filhos do povo' que marcharam pelas ruas de Seattle, Praga e Gênova, entre outras cidades e lugares do mundo?, pergunta-se Toni Negri. Ele mesmo responde: "*os operários sociais, móveis, flexíveis, pobres, inteligentes, aleatórios, radicais ...*" (pg. 95). São aqueles que há muito tempo fugiram das fábricas para

tornar-se trabalhadores autônomos, emancipados dos dispositivos disciplinares da sociedade capitalista. Também os novos desempregados, os *sans papier*, os excluídos, os inferiorizados, os solidários e os descontentes. Uma multidão que se prepara nas fronteiras do sistema para iniciar o êxodo.

O êxodo para onde?, eu pergunto. No Império não existe um lugar fora, um espaço vazio a ser preenchido pela potência do novo. A metáfora que MULTIDÕES E IMPÉRIO nos propõe talvez seja a de pensar um êxodo para dentro, em direção às entranhas do sistema, onde a expansão das novas formas da cooperação, do trabalho e da liberdade tornam-se para o poder uma realidade insuportável. Um movimento que, impossibilitado de subtrair-se da força da virtude, é obrigado a encarar os fatos tal como eles são: uma alternativa revolucionária, trágica, absoluta e, portanto, verdadeira. Se for disso que falam os livros ...

Notas

¹ CHESNAIS, François; *Tobin or not Tobin?. Porque tributar o capital financeiro internacional em apoio aos cidadãos*. São Paulo: UNESP/ATTAC, 1999.v

² Nesse sentido, resulta pelo menos curioso observar o quanto o artigo de Ana Esther Ceceña, sobre as linhas centrais do discurso zapatista, onde se afirma que "*O zapatismo não espera nada do Estado, tampouco de suas representações alternativas (como os organismos internacionais ou alguns outros Estados mais fortes)*. *Os zapatistas apostam tudo no povo, na sociedade civil, nos excluídos, nos perseguidos, nos rebeldes. Sonham com o mundo em que cabem todos os mundos e o constroem cotidiana e pacientemente, com o concurso de todos, sem projetos predeterminados, com a vontade da maioria*" (pg. 196), destoa do restante das principais contribuições.

³ No II Fórum Mundial, realizado em janeiro de 2002, essa 'homogeneidade' do discurso de esquerda antiimperialista foi quebrada pela participação de militantes e simpatizantes de todo mundo da denominada Ação Global, e também pela presença de um importante contingente de argentinos participantes ativos dos 'cacerolazos'.

⁴ Principalmente o movimento Reclaim the Streets (RTS).

⁵ Aliás, não sabemos muito bem como tudo isso começou, nem os livros indicam uma resposta. O mais importante, porém, é que nenhum dos grupos aqui identificados pode se considerar o único ou principal autor da iniciativa que desencadeou os acontecimentos.

⁶ Segundo seus próprios militantes, o uso da violência como principal estratégia de ação por parte do *Black Block* não deve ser confundida com uma prática da violência generalizada. Pelo contrário, os alvos são particularizados e escolhidos: as propriedades das grandes corporações, os centros de lazer e consumo, os locais da Mídia. Ainda assim, o coletivo do *Black Block* é acusado de fazer o jogo do poder, na medida em que se prestaria facilmente para ser utilizado na repressão dos movimentos.

⁷ Ícones da resistência pacifista como Mahatma Gandhi e Martin Luther King, por exemplo, são caracterizados como figuras históricas que contrariaram o próprio movimento de emancipação de que faziam parte.

⁸ Para sermos mais precisos com relação à crítica da Sociedade do Espetáculo: "O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada pelas imagens" (Cf. Guy DEBORD, *La Société du Spectacle*. Paris: Gallimard, 1997, pg. 16).

⁹ Os atentados ao *World Trade Center* de Nova Iorque, com sua seqüela de vítimas e perdas materiais, incidiu negativamente sobre o ciclo de lutas iniciados com os dias de Ação Global.

Logo depois a nova fase de radicalização do conflito árabe-israelense veio capturar a atenção da opinião pública internacional. Nesse sentido, os movimentos antiglobalização deverão, ao meu ver, num futuro próximo, reconstituir o sentido da sua ação sem iludir o fato de estarem imersos num oceano de acontecimentos diferentes, porém cada vez mais globalizados e/ou vinculados entre si. Esse desafio percorre todas as páginas do livro MULTIDÕES E IMPÉRIO, posto que ele veio à luz após os atentados do 11 de setembro. Sobre este acontecimento ver também o livro de Noam Chomsky; *11 de Setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

¹⁰ Evidentemente, a gravidade dos confrontos com a polícia e a morte do Black Block Carlo Giuliani em Gênova abrem muitas interrogações sobre a capacidade dos movimentos para evitar as armadilhas do poder com relação ao uso da força e à repressão.

¹¹ Mas ainda assim eles não conseguiram o que queriam, porque a quantidade e qualidade de imagens registradas pela multidão ultrapassam qualquer tentativa de censura ou manipulação.

■ Gerardo Silva é argentino, mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ e doutorando em Sociologia pelo IUPERJ/UCAM. Pesquisador associado ao LABTeC/UFRJ.